

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***



A RELAÇÃO ENTRE O AUTO-CONCEITO E A ACEITAÇÃO PELOS PARES  
NUM GRUPO DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

**Rita Mendes Emídio**

Tese submetida com requisito parcial para a obtenção de grau de

**Mestre em Psicologia**  
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***

A RELAÇÃO ENTRE O AUTO-CONCEITO E A ACEITAÇÃO PELOS PARES  
NUM GRUPO DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

**Rita Mendes Emídio**

Dissertação Orientada por: António José dos Santos

Tese submetida com requisito parcial para a obtenção de grau de

**Mestre em Psicologia**  
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. António José dos Santos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, N° 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## Agradecimentos

Antes de mais gostaria de agradecer a todos os participantes e intervenientes (mães, pais, crianças e escolas) que cooperaram neste estudos. Bem como a colaboração de todos os colegas que colaboraram na recolha dos dados.

À Professora Doutora Manuela Veríssimo, por me ter acolhido na sua equipa, e por me ter orientado, flexivelmente, no decorrer deste trabalho. Bem como ao Professor Doutor António José dos Santos, que acreditou em mim e nas minhas capacidades, que me incentivou em ir mais além ... e que estimula novas ideias e questões a todos nós.

À Professora Doutora Lúcia Monteiro, que se disponibilizou e despendeu do seu tempo ao me ajudar a melhorar este trabalho, sempre com um sorriso.

Bem como, à minha colega Joana Maia que sempre teve uma palavra positiva e de incentivo, e que ajudou na concretização deste estudo.

**A RELAÇÃO ENTRE O AUTO-CONCEITO E A ACEITAÇÃO PELOS PARES NUM GRUPO DE CRIANÇAS EM IDADE  
PRÉ-ESCOLAR**

Rita Emídio

A Relação entre o Auto-Conceito e a Aceitação pelos Pares num Grupo de Crianças em  
Idade Pré-Escolar

Rita Emídio

UIPCDE, ISPA

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as mães, pais e crianças que aceitaram participar neste estudo, financiado pela F.C.T (POCTI/PSI/46739/2002, PTDC/PSI/66172/2006). Bem como, a cooperação de todos os colegas que colaboraram na recolha dos dados.

Contacto: Rita Emídio, [emidio.rita@gmail.com](mailto:emidio.rita@gmail.com).

## Resumo

A importância do estudo do auto-conceito advém do forte impacto que este parece ter no comportamento do indivíduo, regulando as suas acções e modos de interacção com os outros. Na definição deste constructo há que considerar a percepção geral que o indivíduo tem de si próprio, assim como as avaliações que o sujeito faz acerca das suas próprias competências em domínios restritos, como o cognitivo, o social, ou o físico (Harter, 1999). O presente estudo analisa a relação entre a auto-percepção de competências e aceitação no grupo de pares, numa amostra de 40 crianças do pré-escolar. Para avaliar a percepção das competências foram utilizadas as Escalas Pictoriais de Percepção da Competência e Aceitação Social (adaptadas por Mata, Monteiro & Peixoto, 2008), para analisar o grau de aceitação no grupo de pares realizaram-se entrevistas sociométricas. Os resultados indicam que as crianças com valores mais elevados na sub-escala de aceitação entre os pares são as que apresentam valores mais elevados de aceitação no seu próprio grupo de pares (na sociometria). Verificou-se igualmente que a auto-percepção da aceitação materna está relacionada com a percepção da competência cognitiva, com a percepção da aceitação pelos pares e, ainda, com a efectiva aceitação pelos pares. Assim, o contexto relacional importa, enquanto guia do comportamento social da criança, e na emergência do conceito e sentido do *self*. A família, pares, representações e percepções de si próprio influenciam a relação dos pares em diferentes aspectos, em particular na sua Aceitação.

Palavras-Chave: Auto-conceito; Aceitação no Grupo de Pares; Crianças no pré-escolar.

## Abstract

Self-concept helps to regulate our own actions and the way we interact with others, therefore having a great impact on human behavior. According to Hater (1999) it's important to also analyze self-perceptions in specific dominions such as cognition, social or physical. This study aims to analyze the relations between self-perceptions of 40 preschool age children and the way they are seen, that is, accepted by their peers in the school context. The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance (adapted to the Portuguese population by Mata, Monteiro & Peixoto, 2008) and sociometrics interviews were used to collect the data. The results indicate that children with higher scores on the sub-scale: acceptance by their peers are indeed the ones with higher acceptance scores by the peers (sociometrics). Maternal acceptance sub-scale is related to the cognitive skills and peers acceptance sub-scales. Social interactions are an important context for the development of self-concept and for children's social behavior.

**Key-Words:** Self Concept; Acceptance in peers group; preschool children.

## ÍNDICE

Introdução .....	1
Método .....	7
Participantes .....	7
Instrumentos .....	7
Procedimento .....	9
Resultados .....	11
O Autoconceito .....	11
Sociometria .....	12
Competência Verbal e Género .....	13
Autoconceito e Sociometria .....	13
Discussão .....	14
Referências Bibliográficas .....	17

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Estatística Descritiva e de Fiabilidade das Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada .....	14
TABELA 2: Correlações significativas entre as Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada.....	15
TABELA 3: Correlações significativas entre as Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada e as medidas de Sociometria .....	16

## Introdução

De forma generalista, o auto-conceito, ou sentido de *self*, poderá ser definido como a imagem que o sujeito tem de si próprio e aquilo que acredita ser. No entanto, uma descrição mais precisa deverá considerar a natureza complexa deste constructo, enquanto estrutura cognitiva contextualizada e multidimensional, englobando um sistema de representações descritivas e avaliativas acerca do desempenho do *self* nos diferentes contextos e tarefas em que o sujeito se envolve. Por tal, este sistema de representações tende a influenciar os sentimentos do sujeito em relação a si próprio e a orientar as suas acções (Peixoto, 1996, Harter, 1999), e a complexificar e diversificar-se à medida que o sujeito se vai desenvolvendo e interagindo com o meio envolvente (Peixoto, Martins, Mata e Monteiro, 1996).

O conceito de *self* ganhou progressivamente força ao longo do século XX, tendo sido objecto de estudo de diferentes linhas de pensamento que combinaram uma já existente Psicologia do Desenvolvimento com a Psicologia Social emergente. São de destacar, neste contexto, os trabalhos de William James (1918), primeiro autor a oferecer uma sistematização do conceito de *self* no âmbito da Psicologia, relacionando-o com a auto-estima<sup>1</sup>.

No entanto, para James (1918) o *self* é ainda uma construção de natureza essencialmente cognitiva que se aproxima da ideia de consciência e de uma representação do próprio como um ser passível de compreender algo. Esta construção desenvolve-se ao longo do tempo, adaptando-se às transformações das estruturas e dos processos cognitivos. Uma visão mais dinâmica tiveram posteriormente, os interaccionistas simbólicos, de entre os quais se salientam Cooley e George Mead, ao perspectivarem o *self* como, predominantemente, um produto social, que só ganha sentido na relação com os outros (Harter, 1999 e Cole, 1991). Frisando a importância

---

<sup>1</sup> Considerada o julgamento global que cada indivíduo faz do seu próprio valor a auto-estima surge quase sempre associada ao constructo do auto-conceito. No entanto, distingue-se deste por ser uma componente sobretudo afectiva e mais descontextualizada (Peixoto e Almeida 1999).

dos processos de linguagem na construção do *self*, estes autores defendem que o sentido do *self* ou auto-conceito se constrói, essencialmente, na interacção social, com base nas experiências vividas pelas crianças com os outros significativos (como os pais, pares, professores, entre outros), resultando da interiorização das avaliações destes outros significativos (Harter, 1999; Cole, 1991).

Também para a Teoria da Vinculação as representações sobre as relações e a noção de *self* vão sendo interiorizadas pelas crianças ao longo do tempo, desempenhando as figuras de vinculação um papel essencial neste processo, na medida em que estes elementos se desenvolvem em função da disponibilidade e qualidade afectiva da resposta dadas por estas no contexto da interacção precoce (Bowlby, 1989; Sroufe, 2000). Deste modo, uma dimensão relevante das diferenças individuais no conteúdo dos modelos internos do *self* poderá estar relacionada com a qualidade das respostas dadas, pela figura de vinculação, à criança (Rudolph, Hammen, & Burge, 1995; Harter, 1982; 1996). Quando a história das experiências, durante a infância, com a figura de vinculação é marcada pela sensibilidade, responsividade e acessibilidade, a criança, provavelmente, constrói um modelo dessa figura como acessível e responsiva, desenvolvendo um modelo de *self* correspondente, como valorizado ou merecedor de afecto e cuidados. Se, pelo contrário, as experiências da criança forem, sistematicamente, caracterizadas por trocas frustrantes, envolvendo insensibilidade ou rejeição, provavelmente irá construir modelos internos negativos da figura de vinculação e do *self*. Estas diferenças a nível cognitivo/afectivo (expectativas face ao comportamento materno) conduzem, assim, a diferentes respostas por parte da criança, quer em situações de separação ou de *stress*, quer de exploração do meio (Bowlby, 1973; Ainsworth, 2000).

Por outro lado, a percepção da competência do *self* está relacionada tanto com factores ambientais, (atitudes e comportamentos parentais, percepção e feedback dos professores e dos pares, entre outros) como com factores internos (Jambunathan & Hurlbut, 2000). À medida que o *self* vai evoluindo com o decorrer do tempo, também o auto-conceito e a auto-estima vão sofrendo transformações provocadas não só pelas interacções com o meio ambiente que envolve a criança como também pelo seu próprio desenvolvimento. Refira-se que o desenvolvimento do *self* e do Auto-conceito é influenciado pelo

desenvolvimento cognitivo e pelo desenvolvimento da linguagem, na medida em que a capacidade de auto-representação do sujeito é influenciada pela sua capacidade para representar o real e para o comunicar, contribuindo os progressos linguísticos igualmente para o enriquecimento dos processos de socialização e de desenvolvimento de emoções interpessoais (Hattie, 1992).

Segundo Harter o auto-conceito deve ser perspectivado fundamentalmente como uma entidade psicológica complexa e multidimensional que espelha as percepções do sujeito do grau em que se é, ou não, competente em diversos domínios, independentes uns dos outros. No seu modelo de Percepção de Competência do *Self* para crianças no pré-escolar Harter (de 1983, referido por Harter e Pike, 1984) propõe quatro dimensões de análise - Competência Cognitiva, Competência Física, Aceitação dos Pares e Aceitação Materna, organizadas em duas dimensões: Competências Percebidas e Aceitação Social.

#### *O Auto-conceito Social e a Aceitação Social*

Nas últimas décadas, os resultados de diversos estudos empíricos têm indicado que a auto-estima e a percepção do *self* são, também, fortemente moldadas pelas experiências com os pares (Egan & Perry, 1998; Berndt e Keefe, 1996), na medida em que as crianças tendem a integrar as diversas experiências sociais na representação que fazem do seu *self* e na representação que fazem dos outros com quem interagem (Harter, 1996).

No período pré-escolar a interacção com os pares tem um papel crucial no desenvolvimento, podendo influenciar, de forma diferencialmente positiva ou negativa a adaptação presente dos sujeitos e os ajustamentos relacionais futuros. No entanto, os resultados parecem indicar que as interacções pobres com os pares, e posterior desenvolvimento das crianças, pode ser mediado pela auto-percepção que as crianças têm da relação com os pares (Auto-conceito Social negativo) (Patterson, Kupersmidt & Griesler, 1990; Jambunathan & Hurlbut, 2000).

No entanto, tal como indica Harter e Pike (1984), as crianças a partir dos 6 anos têm noção de que as capacidades sociais estão relacionadas com a aceitação social e a popularidade, ou seja, de que a capacidade social influencia a aceitação dos pares. Porém, esta é uma capacidade que é adquirida gradualmente, valorizando as crianças mais novas as capacidades do domínio cognitivo e físico (Harter e Pike, 1984).

Para James e Cooley (1918 e 1992), bem como, para Asher, Hymel e Renshaw (1984) o auto-conceito social designa a percepção que o indivíduo tem de quanto os outros gostam de si, ou seja, a auto-percepção da aceitação social. Existem, no entanto, outros teóricos, como Blascovich e Tomaka (1991), que defendem que o auto-conceito social se baseia na percepção das competências ou capacidades sociais. Na prática, como referem Berndt e Burgy (1996) as duas definições do auto-conceito social coincidem, pois os sujeitos que se percebem como sendo bem aceites pelos outros, geralmente, também se percebem como sendo mais competentes socialmente. Sendo que os indivíduos que se percebem com uma baixa aceitação social tendem a reportar uma maior insatisfação na relação com os outros.

James e Cooley (1918; 1992), e Berndt e Burgy (1996) sugeriram que o auto-conceito social do indivíduo deve estar relacionado com a sua actual posição social e aceitação social, mas também com alguns aspectos da reputação dos pares e com a competência social. Dunstan e Nieuwoudt (2001), verificaram num estudo com crianças em idade escolar a existência de uma inter-relação entre a aceitação dos pares e o auto-conceito social, e ainda que a consciência das crianças relativamente à aceitação dos pares medeia o relacionamento entre estatuto social e comportamento social. Considera-se que os indivíduos que são mais aceites pelos seus pares irão perceber as suas relações sociais de forma mais positiva. Todavia, a percepção da aceitação social depende, também, da atitude geral em relação a si próprio, ou seja, da auto-estima (Bohrsted & Felson, 1983).

Desta forma, como referem Berndt e Burgy (1996) os indivíduos com um baixo auto-conceito social, isto é, que se percebem como sendo pouco aceites pelos outros, esperam que os outros tenham um comportamento negativo perante eles. Por sua vez,

esta expectativa induz os sujeitos a adotarem um comportamento negativo para com os outros, com fortes probabilidades de que estes reduzam a sua vontade de interagir com o sujeito, o que, conseqüentemente, reduz as oportunidades deste de pôr em prática as suas competências sociais. Assim, pessoas com baixo auto-conceito social estão mais frequentemente sozinhas e evitam, ou comportam-se de forma inapropriada nas situações sociais.

Rabiner e Keane (1993) consideram que crianças com um elevado nível de aceitação social têm uma auto-percepção mais positiva do modo como são tratadas pelos pares, que se vai fortalecendo com a idade. Bornstedt e Felson (1983), e Chambliss, Muller, Hulnick e Wood (1978) encontraram uma correlação significativa entre a percepção e a actual aceitação dos pares, aferindo a percepção e a aceitação social de alunos do 2º ciclo do ensino básico (através da nomeação de pares de quem *gostavam mais* e nomeação de pares pelos quais o sujeito pensa ser *mais gostado*). Boivin e Begin (1989) verificaram a existência de uma relação significativa entre o estatuto sociométrico das crianças e a dimensão Percepção da Aceitação Social do Modelo de Competência do Self sugerido por Harter (em 1983). Neste estudo, as crianças populares apresentam uma maior percepção da Aceitação Social, do que as crianças consideradas Medianas, mas as crianças Negligenciadas não diferem significativamente destas últimas. Por fim, as crianças com um estatuto sociométrico de Rejeitadas têm resultados mais baixos no seu auto-conceito social do que as crianças Medianas. Igualmente Patterson, et al. (1990) observaram, após *standardizarem* os resultados da escala de Aceitação Social e das nomeações das crianças, diferenças significativas entre os diferentes estatutos sociométricos relativamente à percepção da aceitação social.

Contudo, parece existir uma relação de duplo sentido entre a Aceitação Social e a sua Percepção. Pois, se por um lado, a percepção da Aceitação Social das crianças deriva, em parte, da sua Aceitação Social real. Por outro lado, esta última pode, também, ser influenciada pela auto-percepção do sujeito, nomeadamente pelos comportamentos face aos outros que, em função desta, tende a assumir (Cole, 1991). Tal verificou-se num estudo realizado por Cole (1991) com crianças do 4º ano, onde se analisou a percepção da Aceitação Social (através do SPPC de Harter) e a sua aceitação social real (através da Nomeação), em dois momentos distintos do ano, permitindo prever os resultados da

percepção da Aceitação Social, num segundo momento de recolha. Assim, parece existir uma inter-relação recíproca entre a aceitação dos pares e a percepção da aceitação dos pares.

De acordo com Boivin e Begin (1989), crianças que experienciam dificuldades com os pares, tendem a ter uma auto-percepção negativa da sua competência social, baixa auto-eficácia e baixas expectativas sociais, percepcionando-se como pouco aceites pelos outros. Para mais, como indicaram Boivin e Hymel (1997), as auto-percepções negativas tendem a ser consistentes com uma reputação igualmente negativa, e com uma atitude reticente e vigilante face aos pares. Neste contexto, variações importantes na auto-percepção têm sido relacionadas com diferentes comportamentos sociais (Boivin & Hymel, 1997).

A aceitação das crianças pelos pares é influenciada pelo comportamento social que estas apresentam (Boivin & Hymel, 1997), que por sua vez reflecte o auto-conceito social.

As crianças com um estatuto social elevado (Popular) aceitam melhor e são melhor aceite pelos pares, pois geralmente são crianças que têm um sentimento positivo de si próprias, que tendem a participar mais nas actividades do grupo e a cooperar melhor com os outros (Boivin & Bégin, 1989). Assim, são classificadas pelos pares como sendo menos agressivas, menos isoladas, menos retiradas e mais competentes socialmente (Hymel, Rubin, Rowden, & LeMare, 1990). Deste modo, uma percepção positiva da aceitação social poderá ser uma medida protectora face ao futuro desenvolvimento da criança. Por outro lado, os pais descrevem as crianças com auto-conceito social mais baixo e com um estatuto sociométrico de Rejeitadas ou Negligenciadas como tendendo a exteriorizar o mal-estar através, de comportamentos de agressão, ou a interiorizá-lo sob a forma de problemas de ansiedade (Berndt e Burgy, 1996).

O presente estudo visa analisar a relação entre o auto-conceito das crianças em idade pré-escolar, em particular, na dimensão associada à auto-percepção da aceitação pelos pares, e a aceitação social real das crianças avaliada pelo grupo de pares. Assim, com

base nos pressupostos teóricos e empíricos apresentados, espera-se que haja uma relação positiva e significativa entre ambas as variáveis, mais especificamente que quanto mais positiva seja a percepção (da criança) da aceitação social dos pares, melhor seja a sua aceitação pelo seu grupo de pares.

## Método

### Participantes

Os participantes são 40 crianças de 5 anos de idade, sendo 21 do sexo feminino e 19 do sexo masculino. As mães têm idades compreendidas entre os 26 e os 48 anos ( $M=34.95$ ,  $DP=4.33$ ), e os pais entre os 28 e os 63 anos ( $M=37.32$ ,  $DP=6.08$ ), as suas habilitações literárias variam entre os 7 e 23 anos de escolaridade ( $M=15.48$ ,  $DP=3.45$  das mães;  $M=14.61$ ,  $DP=3.29$  dos pais). As famílias pertencem a um nível socio-económico Médio/Médio Alto e ambos os pais trabalham a tempo inteiro. Os participantes foram recrutados em duas escolas do ensino particular do distrito de Lisboa e fazem parte de um projecto longitudinal que analisa o desenvolvimento sócio-emocional de crianças entre os 2 anos e meio e os 5 anos.

### Instrumentos

#### *Escalas Pictóricas da Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças em idade Pré-Escolar e para Crianças do 1º e 2º Anos de Escolaridade*

Para avaliar as representações do self recorreu-se às *Escalas Pictóricas de Percepção de Competência e Aceitação Social* para crianças em idade pré-escolar e para crianças a frequentar os 1º e 2º anos de escolaridade, de Harter (1984, adaptadas para a população portuguesa por Mata, Monteiro e Peixoto, 2008). Estas escalas são baseadas em imagens, sendo pedido à criança que se identifique com o(s) menino(s)/menina(s) representado nas imagens. O presente instrumento é constituído por quatro sub-escalas:

(1) Competência Cognitiva, (2) Competência Física, (3) Aceitação entre Pares e (4) Aceitação Materna, que podem ser organizados em duas dimensões: Competências percebidas e Aceitação Social. Estas sub-escalas definem domínios relevantes da vida das crianças e a percepção das suas competências reflectem juízos acerca das capacidades do *self*. (Harter & Pike, 1984).

Em ambas as versões, cada item é apresentado às crianças, individualmente, sob a forma de uma imagem de uma criança (de acordo com o género do sujeito) a realizar uma actividade. Os itens são apresentados pela seguinte ordem: Competência Cognitiva, Aceitação entre Pares, Competência Física e Aceitação Materna, repetindo-se este padrão ao longo da escala. Em cada um dos itens, é lida à criança uma afirmação sobre cada uma das crianças na figura (Ex. “esta criança é boa a fazer puzzles e esta não é muito boa”), sendo pedido-lhe para escolher a figura com a criança que é mais parecida consigo e, em seguida, apontando para o círculo apropriado se é muito parecida (círculo grande) ou só um pouco parecida (círculo pequeno). A cada resposta corresponde uma pontuação de 1 a 4, sendo 1 uma escolha de pouca competência e 4 para uma escolha de muita competência.

*Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence, WPPSI (Adaptação Espanhola realizada pelo Departamento I+D de TEA Edições, Madrid, 1996)*

Com vista a analisar as competências verbais das crianças, e eventuais diferenças na capacidade lexical e na compreensão verbal recorreu-se à utilização de sub-testes verbais da WPPSI.

A *WPPSI* é uma escala avalia o Quociente de Inteligência Geral, e em particular os Quocientes de Inteligência Verbal e Manipulativo, para crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 ½ de idade. A escala original consta de 11 provas, sendo 6 Verbais (uma delas opcional, *as Frases*) e 5 Manipulativas. Com o intuito de aferir a Capacidade Verbal das crianças foram aplicadas unicamente as Provas Verbais (*Informação, Vocabulário, Aritmética, Semelhanças e Compreensão*), de forma individual a cada criança para aferir o seu Quociente de Inteligência Verbal. Nas diferentes Provas Verbais são avaliadas diferentes capacidades: na Prova de Informação é avaliado através de 21 questões o Conhecimento Geral das crianças. Na de Vocabulário afere-se através dos seus 22 itens a capacidade da criança indicar o

significado de determinadas palavras e a sua função. Na Prova de Aritmética é explorado em 20 elementos o raciocínio matemático. Já a prova de Semelhanças, igualmente constituída por 20 itens, avalia a capacidade que a criança tem de a partir de uma palavra, associação ou comparação, encontrar semelhanças na função ou características comuns dos elementos que lhe são referidos. E por fim, a prova de Compreensão afere através de 15 questões a capacidade que a criança tem em compreender e posteriormente verbalizar o porquê de determinadas acções.

### *Medidas Sociométricas*

Relativamente, à Aceitação dos Pares esta foi aferida através de técnicas sociométricas (Nomeação e Comparação de Pares), para avaliar a Aceitação social das crianças.

Nas *Nomeações* (McCandless & Marshall, 1957) é pedido a cada criança que escolha (a partir das fotografias dos colegas), as 3 crianças como quem *mais gosta de brincar* (escolhas positivas); e as 3 crianças com quem *não gosta de brincar* (escolhas negativas) e, por fim, que escolha as restantes, uma a uma, utilizando o critério de com quem *gosta mais de brincar*. As classificações de aceitação basearam-se nas 3 escolhas de topo. Na *Comparações entre Pares* é pedido a cada criança que escolha o colega com quem *gosta mais de brincar*, em cada uma das díades possíveis no grupo (i.e.,  $N \cdot (N-1)/2$ ). O total de aceitação para esta medida baseou-se no número médio de escolhas em função total de díades possíveis.

### Procedimento

Os dados foram recolhidos ao longo do ano lectivo em três momentos distintos, por três observadores independentes. Os instrumentos foram aplicados, individualmente, numa sala disponibilizada para o efeito.

O primeiro instrumento aplicado, individualmente a cada criança, foi as *Escala Pictóricas de Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças em idade Pré-Escolar e para Crianças do 1º e 2º anos de escolaridade de Susan Harter* adaptadas por Mata, Monteiro e Peixoto (2008). Foi dada a seguinte consigne “*Tenho aqui um jogo de figuras, que se chama Que Rapaz/Rapariga É Mais Parecido Contigo. Eu vou-te contar o que cada rapaz/rapariga da figura está a fazer*”. Ao mesmo tempo o experimentador mostra a figura correspondente, diz: “*Nesta figura (aponta-se o desenho da esquerda) este rapaz/rapariga está normalmente contente e este rapaz/rapariga (aponta-se o desenho da direita) está normalmente triste. Agora diz-me qual dos rapazes/raparigas é mais parecido contigo*”. Após a criança indicar a figura apropriada para ela, o experimentador aponta os círculos abaixo da figura, começando pelo maior, de modo a levar a criança a explicitar a sua escolha. Assim, se a criança apontou a figura contente na sua resposta, o experimentador dirá: “*Estás sempre contente?*” (apontando para o círculo maior) ou “*Está muitas vezes contente?*” (apontando para o círculo mais pequeno). No caso da criança apontar no meio dos círculos, dizendo que ambas são como ela, deve-se orientar a criança a explicitar qual é que se parece com ela a maior parte do tempo. Este procedimento é posteriormente aplicado às restantes afirmações e imagens correspondentes.

Num segundo momento, aplicou-se a WPPSI, nomeadamente, as provas verbais: *Informação, Vocabulário, Aritmética, Semelhanças e Compreensão*. Cada uma das provas foi aplicada tendo em conta o guião de protocolo de aplicação, pela devida ordem, dando as consignes referentes, pedindo alguma explicitação quando necessário, e interrompidas após respectivo número de fracassos consecutivos (como anteriormente mencionado no que diz respeito a cada prova).

Relativamente às entrevistas sociométricas, cada criança foi entrevistada individualmente, correspondendo cada tarefa a um momento de observação, sempre que estas manifestavam sinais de distração, interrompia-se a tarefa e retomava-se noutro momento. As instruções dadas às crianças foram idênticas, bem como a ordem de apresentação das tarefas (i.e., 1. Nomeação, 2. Comparação de Pares).

## Resultados

### *Auto-conceito*

Tabela 1 – Estatística Descritiva e de Fiabilidade das Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada

Dimensões	Média	Desvio Padrão	Alfa
Cognitivo	3,5	0,41	0,65
Aceitação Pares	3,6	0,47	0,75
Capacidades Físicas	3,43	0,47	0,70
Aceitação Materna	3,3	0,49	0,75

Na análise da fiabilidade das escalas, como se pode observar na Tabela 1, os valores dos Alfas *de Cronbach* obtidos nas quatro sub-escalas traduzem níveis aceitáveis de fiabilidade (> 0.6).

As médias desta amostra nas várias escalas, também registadas na Tabela 1, rondam os 3.5 na Aceitação Materna e os 3.6 da Aceitação dos Pares, um valor de média acima do esperado. O desvio padrão apresentou valores entre os 0.41 registados na dimensão cognitiva e os 0.49 apresentados na Aceitação Materna, o que em relação à média assinala uma baixa dispersão.

Analisou-se de seguida as correlações significativas entre as Escalas de Percepção das Competências.

Tabela 2- Correlações significativas entre as Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada

	Físico	AP	AM
Cognitivo	,58**	,65*	,59(**)
Físico		,49(**)	,50
Aceitação pares			,64

(\*\* < 0.01; \* < 0.05)

Como se pode verificar na Tabela 2, estas escalas obtiveram algumas correlações significativas entre elas, nomeadamente a dimensão cognitiva correlacionou-se positiva e significativamente com a dimensão física, aceitação dos pares e aceitação materna. Assim, quanto mais a criança se auto-percepciona como competente do ponto de vista cognitivo, mas se auto-percepciona como competente fisicamente e como tendo uma maior aceitação materna e dos pares.

A sub-escala da competência física encontra-se, ainda, positiva e significativamente correlacionada com a sub-escala da aceitação dos pares assim, quanto melhor as crianças se auto-percepcionam em termos de aparência e capacidade física, melhor estas percebem a sua aceitação pelos pares.

### *Sociometria*

A coerência das escolhas sociométricas foi calculada através de correlações de Pearson, entre as Nomeações Positivas e Comparações dos Pares, evidenciando a existência de uma correlação positiva e significativa entre as duas medidas ( $r=0.54$ ,  $p<0,001$ ). Isto é indicador da existência de uma coerência entre estas medidas, sendo que o aumento da Nomeação Positiva está associada ao aumento da Comparação de Pares, e vice-versa.

### *Competência Verbal e Gênero*

Relativamente à Competência Verbal não se encontraram correlações significativas entre o QIV e as escalas do Auto-conceito, nem com as medidas sociométricas. Analogamente, não se verificaram diferenças significativas relativamente ao gênero em ambas as medidas.

### *Auto-conceito e Escolhas Sociométricas*

Também se correlacionou as Medidas Sociométricas com as Escalas de Percepção de Competência, tal como se pode observar na Tabela 3.

Tabela 3- Correlações significativas entre as Escalas Pictóricas de Competência Percepcionada e as medidas de Sociometria

	Nomeações Positivas	Com. Pares
Cognitivo	0,29	0,13
Físico	0,13	0,02
Aceitação pares	0,34*	0,25
Aceitação Materna	0,41**	0,23

(\*\* < 0.01; \* < 0.05).

Verificou-se uma correlação significativa (com diferentes níveis de significância) entre as Nomeações Positivas e a dimensão Aceitação Social (aceitação de pares e materna).

## Discussão

As crianças tendem a integrar as diversas experiências sociais na representação que fazem do seu *self* e na representação que fazem dos outros com quem interagem (Harter, 1996). Desta forma, a interação com os pares assume um papel importante no desenvolvimento da criança, e conseqüentemente na sua avaliação do *self*, nas suas auto-percepções (Cole, 1991).

O presente estudo teve como objectivo aferir a existência de uma relação entre a avaliação dos pares, ou seja, da Aceitação dos Pares com o Auto-Conceito, mais especificamente a Auto-percepção Social de crianças, no pré-escolar.

De facto, os resultados deste estudo fornecem algum fundamento ao pressuposto de que, crianças que se percebem como aceites pelos pares, tendem a ser, concomitantemente mais aceites no grupo de pares, bem como o seu inverso. Sendo os resultados congruentes com outros estudos realizados, como os de Boivin e Bégin (1989), Chambliss et al. (1978), Patterson et al. (1990) e de Cole (1991).

Desta forma, as crianças põem em prática através do seu comportamento a sua expectativa face à relação com os outros, e possivelmente face às suas competências. Por sua vez, a relação com os pares também influencia a percepção do *self*, em particular a percepção da aceitação dos pares, podendo funcionar como um elemento de risco ou de protecção no desenvolvimento.

Sendo a linguagem um factor preponderante na interação com o grupo de pares, esta foi controlada no sentido de assegurar alguma influência sobre os resultados obtidos. Contudo, não obteve nenhuma relação influente, garantindo a isenção dos resultados neste aspecto, na percepção das competências e Aceitação dos Pares.

Paralelamente, veio enfatizar o papel do suporte materno, através da percepção da Aceitação Materna, na Aceitação dos Pares e Percepção de Competências.

As crianças que experienciam uma relação com os pais de suporte, formam um modelo interno do *self* como sendo merecedor de suporte e amor, sentem-se competentes e motivadas, o que também se reflecte nas relações sociais da criança com os pares (Aceitação social). Assim, a família surge como um suporte emocional essencial, ajuda instrumental e guia cognitivo (Furman & Buhrmester, 1985; Zelkowitz, 1989). Ao se formarem auto-percepções/avaliações positivas, isto vai influenciar a noção dos domínios e características do *self*, determinando o sentimento em relação a si e orientando as suas acções no seu meio envolvente e com os outros.

Registou-se uma relação entre a aceitação materna e a percepção da competência cognitiva, isto é, quanto mais a criança sente o suporte materno mais se percebe a capacitada cognitivamente. Perante estes resultados pode-se cogitar que, as crianças que têm mais suporte materno sentem-se mais disponíveis, confiantes e capazes, para conhecer o que o seu meio envolvente lhes fornece, do que as crianças com menos suporte materno, funcionando a família como “guia cognitivo”.

Igualmente se verificou que, tal como constatado por Harter e Pike (1984), as crianças nesta faixa etária tendem a associar as suas capacidades cognitivas e físicas à sua competência e aceitação social, apesar de no grupo de pares estas percepções não serem relevantes para a sua aceitação ou popularidade. Relativamente ao género, não existe uma diferença significativa ao nível da percepção das competências das crianças ou a Aceitação dos Pares. Pois, como Jambunathan e Hurlbut (2000) referem a sociedade actual não reforça, como outrora, os estereótipos dos géneros (meninas mais competentes socialmente e meninos ao nível físico), havendo um comportamento mais homogéneo das crianças nesta idade.

Assim pode-se inferir que, o contexto relacional é um factor preponderante enquanto guia do comportamento social da criança, e na emergência do conceito e sentido do *self*. A família, pares, representações e percepções de si próprio influenciam a relação dos pares em diferentes padrões.

Como futuras direcções de estudo ou investigação destaca-se a avaliação da vinculação destas crianças, bem como os estilos parentais, para compreender e comprovar a percepção de suporte materno e sua franca influência nas restantes escalas, através de uma medida directa. Igualmente se pode investigar através de outras medidas de aceitação de pares, como o estabelecimento de amizade e a sua relação com o sentido do *self*. Seria igualmente interessante apreciar a relação da Competência Social das crianças com a Aceitação dos Pares, bem como a sua percepção.

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (2000). Infant-Mother Attachment. In W. Craig (Ed.), *Child Social Development* (pp. 13-25). Oxford: Blackwell Publishers
- Asher, S., Hymel, S. & Renshaw, P. (1984). Loneliness in Children. *Child Development*, 55, 1456-1464.
- Berndt, T. & Burgy, L. (1996). Social Self-Concept. B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, Social, and Clinical Considerations*. Jonh Willey & Sons: New York.
- Berndt, T & Keefe, K. (1996). Friends' Influence on School Adjustment. In J. Juvonen e K. Wentzel (Eds.), *Social Motivation – Understanding Children's School Adjustment* (pp. 248-278).
- Blascovich, J. & Tomaka, J. (1991). Measures of Self-Esteem. In J. Robinson, P. Shaver & L. Wrightsman (Eds.), *Measures of Social Psychological Attitudes, Vol. I*. Academic Press: San Diego.
- Bohrstedt, G. & Felson, R. (1983). Explaining the Relations Among Children's Actual and Perceived Performances and Self-Esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45 (1), 43-56.
- Boivin, M & Bégin (1989). Peer Status and Self-Perception Among Early Elementary School Children: The Case of the Rejected Children. *Child Development*, 60 (3), 591-596.
- Boivin, M. e Hymel, S. (1997). Peer Experiences and Social Self –Perception: A Sequential Model. *Developmental Psychology*, 33 (1), 135-145.
- Bowlby, J. (1989). The Role of Attachment in Personality Development and Psychopathology. In S. Greenspan & G. Pollack (Eds.), *In the Course of Life* (229-270). Connecticut: International Universities Press.
- Chambliss, J., Muller, R., Hulnick, R. & Wood, M. (1978). Relationships Between Self-Concept, Self-Esteem, Popularity, and Social Judgements of Junior High School Students. *The Journal of Psychology*, 98, 91-98.

- Cole, D. (1991). Change in Self-Perceived Competence as a Function of Peer and Teacher Evaluation. *Developmental Psychology*, 4: 682-688.
- Dunstan, L. & Nieuwoudt, J. (2001). Personality and Behavioral Variables. *The Journal of Genetic Psychology*, 1555 (3), 303-312.
- Egan, S. & Perry, D. (1998). Does Low Self-Regard Invite Victimization?. *Developmental Psychology*, 34 (2), 299-309.
- Furman, W & Buhrmester, D. (1985). Children's Perceptions of the Personal Relationships in Their Social Networks. *Developmental Psychology*, 21 (6), 1016-1024.
- Harter, S. (1982). Perceived Competence Scale for Children. *Child Development*, 53 (1), 87-97.
- Harter, S. (1996). Historical Roots of Contemporary Issues Involving Self-Concept. B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, Social, and Clinical Considerations*. John Wiley & Sons: New York.
- Harter, S. (1999). *Construction of the Self: A Developmental Perspectives*. Guilford Press: New York.
- Harter, S. & Pike, R. (1984). The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children. *Child Development*, 55: 1969-1982
- Hattie, J. (1992). *Self-Concept*. Lawrence Erlbaum: Hillsdale.
- Hymel, S., Rubin, K., Rowden, L. & Lemare, L. (1990). Children's Peer Relationships: Longitudinal Prediction of Internalizing and Externalizing Problems from Middle to Later Childhood. *Child Development*, 61, 2004-2021.
- Jambunathan, S. & Hurlbut, N. (2000). Gender Comparisons in the Perception of Self-Competence Among Four-Year-Old Children. *The Journal of Genetic Psychology*, 161 (4): 469-477.
- James, W. (1918). The Consciousness of Self. In W. James (Org.), *The Principles of Psychology* Vol. I, (pp. 291-400). New York: Dover.
- Mata, L., Monteiro, V., & Peixoto, F. (2008). Escala de autoconceito para crianças em idade pré-escolar e 1º/2º ano de escolaridade de Harter & Pike. In Actas da XIII Conferência Internacional "Avaliação Psicológica: Formas e Contextos"

Patterson, C., Kupersmidt, J. & Griesler, P. (1990). Children's Perceptions of the Self and of Relationships with Others as a Function of Sociometric Status. *Child Development*, 69, 1335-1349.

Peixoto, F. (1996). Auto-conceito(s), auto-estima e resultados escolares: A influência da repetência no(s) auto-conceito(s) e na auto-estima dos Adolescentes. *Actas do Colóquio, IX de Psicologia e Educação: Dinâmicas Relacionais e Eficiência Educativa*. ISPA: Lisboa.

Peixoto, F. e Almeida, L. (1999). Escala de Autoconceito e Auto-estima. In A. Soares., S. Araújo & S. Caíres (eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. VI*. Apport: Braga.

Peixoto, F., Martins, M., Mata, L. & Monteiro, V. (1996). Adaptação da Escala de Auto-Conceito para Adolescentes de Susan Harter para a População Portuguesa. In L. Almeida (Ed.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Vol. IV*. Apport: Braga.

Rabiner, D. & Keane, S. (1993). Children Perception of their treatment by peers in Relation to their Sociometric Status. Bienal Meeting of the Society for Research in Child Development. Acedido em 15 de Fevereiro de 2008, em: <http://web.ebscohost.com>

Rudolph, K., Hammen, C. & Burge, D. (1995). Cognitive Representations of Self, Family and Peers in School-Age Children: Links with Social Competence and Sociometric Status. *Child Development*, 66, 1385-1402.

Sroufe, L. (2000). Early Relationships and the Development of Children. *Infant Mental Health Journal*, 21, 1/2, 67-74.

Zelkowitz, P. (1989). Parents and Children as Informants Concerning Children's Social Networks. In D. Belle (Ed.) *Children's Social Networks and Social Supports* (pp. 221-240). Wiley: Hobokar.





